RESENHA BIBLIOGRÁFICA (*).

SANSOM (George B.). — **A History of Japan to 1334**, Stanford University Press, Stanford, Califórnia, 1958, 500 págs., US\$ 8.50.

Mais do que nunca, julgamos necessário fixar aqui os limites de uma resenha. Certamente, escrever acerca de obras relativas à história extremo-oriental, compostas por especialistas do estofado de G. Sansom, pressupõe uma base de conhecimentos que o nosso meio, a despeito do indiscutível alargamento de horizontes dos últimos tempos, não está em condições de proporcionar. Diante disto, contudo, quer-nos parecer que uma atitude, ao menos, não seria admissível: a de voltarmos as costas a um setor tão importante pelos seus incomparáveis valores culturais e pelo imenso papel que lhe cabe no mundo moderno; equivaleria isto a afetar uma ignorância falsamente justificada pelo pretexto da inacessibilidade praticamente total das fontes originais. Bem ao contrário, pensamos ser conveniente integrá-lo na esfera de nossas cogitações, dentro dos limites impostos por uma situação desvantajosa, sem dúvida, mas nem por isso própria a explicar um comportamento comparável ao do lendário avestruz, escondendo a cabeça na areia para fugir ao mundo ambiente. Talvez seja interessante lembrarmos, por outro lado, a existência de outros campos, bem mais acessíveis, bem próximos, até, mas cuja penetração se revela, por vezes, quase tão difícil quanto a daquela longínqua esfera. Modestia e uma sadia prudência, é claro, são requisitos essenciais ao encetar-se qualquer espécie de trabalho intelectual e com maior razão, para qualquer tentativa de abordar-se a história extremo-oriental; tenha-se sempre em vista, porém, a necessidade inelutável de inclusão da Ásia no nosso horizonte histórico, para o que é indispensável o conhecimento de suas grandes civilizações. A este propósito, recordemos que o Prof. Jean Gagé, quando de seu primeiro ano entre nós (1938), já julgou de utilidade ministrar um curso sobre o Extremo-Oriente e o Pacífico, em cuja introdução deixou bem claras a significação do assunto e as inevitáveis restrições impostas pelo mesmo. Dentro deste espírito, assim, enquadra-se o nosso breve comentário ao volume de G. Sansom. Apresentar o autor parece-nos quase supérfluo, tão conhecido é ele, desde a divulgação de seu **Japan: a short cultural history** (1931). Acrescentemos apenas o juízo a seu respeito expendido por um dos respeitáveis expoentes da intelectualidade japonesa, D. T. Suzuki, para o qual Sansom se inclui entre os melhores conhecedores do Japão, denotando sempre isenção de preconceitos e grande capacidade de compreensão dos diversos aspectos da vida nipônica, de sua cultura, de seu espírito (cf. **Zen und die Kultur Japans**, Rowohlt, 1958, pág. 7). Sua **History of Japan**, ora nos interessando, está programada para 3 volumes a se publicarem até 1961; o primeiro deles, estendendo-se das origens às decorrências das invasões mongólicas, inaugura a série **Stanford studies in the civili-**

(*) . — Solicitamos dos Srs. Autores e Editores a remessa de suas publicações para a competente resenha bibliográfica (*Nota da Redação*).

zations of Eastern Asia. Dirige-se ela a um público amplo e não tem pretensões interpretativas, pois estas corresponderiam a uma tarefa de visionário, segundo as palavras do prefácio. O Autor, aliás, manifesta suas desconfianças acêrca das “filosofias da História recentemente aparecidas; cabe-lhes proporcionar por vêzes, sem dúvida, agradáveis leituras, mas nelas não encontrará um guia seguro o historiador empenhado em descrever uma cultura à qual não pertence e com a qual seus leitores — exceto os especialistas — não estão familiarizados”. Temos à nossa frente, portanto, um trabalho narrativo, composto com visível carinho e apoiado escrupulosamente em fontes japonesas. Agrada-nos sobremaneira o recurso a obras literárias e a diversos diários de personalidades marcantes, contemporâneas ou participantes de episódios decisivos, tal o caso de Kanezane, através de cujas anotações seguimos os dramáticos dias do levante de Yorimasa contra Kiyomori, em junho de 1180. O cuidado com que as diversas fases do desenvolvimento religioso, especialmente, se entrosam no processo social, político e econômico, evidencia a intimidade do Autor com a história cultural; assim sendo, o que se nos apresenta transcende de muito os quadros rígidos de uma exposição de história política, e o simples título de alguns capítulos (**The impact of chinese culture, Reaction against chinese influence, The rule of taste**) denuncia um quadro bem mais amplo do que nos sugerem as discretas palavras do prefácio. A parte consagrada ao período Heian cativa-nos pelo equilíbrio, sobriedade e dignidade do estilo com que é examinado um dos mais fascinantes momentos, não só da história do Japão, mas da história, em geral. O senso estético, a finura, o amor pela natureza, características de toda a cultura nipônica, põem-se em destaque num sem-número de passagens ao longo do volume, é verdade, mas encontram aqui sua mais pura expressão, revelando-nos em Sansom inegáveis qualidades de excelente literato. Somos tentados, até a suspeitar ter o amor à beleza desempenhado importante papel na sua decisão de se entregar ao estudo do país talvez melhor aquinhoado neste setor. Sômente recorrendo à Grécia encontraremos um paralelo ao Japão, e o Autor recorre aos gregos, não só para dar uma idéia da medida do padrão estético japonês, mas também para fixar dois critérios de beleza, dominantes no Ocidente e no Oriente. Aproveitamos a oportunidade, aqui, para transcrever a passagem referida, mediante o que se dará também um exemplo do estilo de Sansom; ei-la: “**There is one aspect of the love of beauty which is not usually considered, and that is its bearing upon the intellectual history of the Japanese people up to the end of the middle ages. Can it be said of them that before all else they were lovers of the beautiful? This has often been said of the Greeks, but on the other side a distinguished classical scholar, H. J. Garrod, while not challenging the power with which the Greeks developed and illustrated a specially Greek conception of the beautiful, has argued that this conception has influenced the modern world far less than we pretend, and that our real debt to Greece is elsewhere. He thinks that what makes the Greeks a race apart is the logicity and honesty of their minds. “They like what is rational, like to get**

to the bottom of things. It is much easier to love the beautiful than to love the true and the sensible. The Greeks did both”.

“It is very doubtful whether this could be said of the Japanese as a people at any time before the modern age. Everything in their early history points to love of beauty, little or nothing to exceptional logicity and honesty. On the other hand, there seems to be a warmth and depth in their love of beauty which qualifies them as a race apart, or at least distinguishes them from the Greeks, as the features of a Buddhist image expressing love and mercy differ from the cold marble countenances of an Apollo or an Artemis” (págs. 194-195).

As comparações com o mundo ocidental são freqüentes, embora discretas e denotando uma compreensível prudência. Além do mundo clássico (cf. págs. 23, 26, 27, 195, 437, etc.), a Europa ocidental é invocada (cf. págs. 35, 49, 110, 113, 206, 360, 368, etc.), sempre facilitando ao leitor a penetração no processo histórico nipônico. Por outro lado, este último não deixa de ser visto no conjunto do complexo asiático, frisando-se constantemente a importância da China, como verdadeiro reservatório cultural, e da Coreia, funcionando como região intermediária. Tais ligações são vitais para a compreensão da história japonesa, não só em determinados momentos, mas em todo seu curso, pois talvez nunca, em toda a história tenha havido um povo tão consciente do que lhe faltava, material e espiritualmente, tão ávido de receber, ou tão capaz de fazer uso de elementos importados, conforme as palavras de L. Warner (*The enduring Art of Japan*, pág. 5), plenamente confirmadas na obra de Sansom. E na maneira toda especial de ajustar o estrangeiro à sua própria índole, de molde a transformá-lo em algo de indiscutivelmente japonês, temos justamente uma característica marcante, possivelmente o traço mais distintivo de toda a história nipônica. É o que se vê, por exemplo, no campo político, com as acentuadas influências de teorias chinesas, e dando margem, não obstante, ao aparecimento de inconfundíveis traços japoneses. A integração do país num complexo histórico amplo, assim, é posta em destaque sem prejuízo dos contornos de autonomia cultural do Japão enquanto isto, as comparações com o mundo clássico ou ocidental sugerem uma harmonização do caso japonês com o conjunto da história da humanidade. Uma passagem, aqui, chama-nos a atenção: tratando do significado da tradição pagã no sentimento de comunhão com a natureza entre os japoneses, o Autor vai buscar apóio numa poesia de Coleridge que, por sua vez, é uma adaptação de uma poesia de Schiller... Chegamos, portanto, a um fundo comum, em que desaparecem as diferenças de forma entre Oriente e Ocidente, em favor de uma imagem humana de valor universal. E, curiosamente, vamos encontrar, corroborando Sansom, uma conclusão bem semelhante à sua, num testemunho de categoria bem diversa, é fato, mas de real importância, se o encararmos pura e simplesmente como um documento humano: a auto-biografia da japonesa Etsu Inagaki Sugimoto que, indo viver nos Estados Unidos em fins do século passado, surpreendeu-se, após algum tempo, ao verificar que, no fim de contas, não mais distinguia nitidamente entre japoneses e norte-americanos. In-

sistimos neste ponto, para deixar claro o quanto há de artificial na crença da “impenetrabilidade” do Japão por parte dos Ocidentais, e de inconveniente na insistência em preconceitos dos quais bem poucas vantagens poderão advir. Em tudo isto, aliás, não saímos do âmbito de nossa resenha, porquanto a repulsa ao preconceito é expressamente abordada pelo Autor, como se vê à pág. 233.

E' claro que não nos passa pela mente a idéia de fazer críticas a um livro como êste. Quando muito, podemos externar o desêjo de ter encontrado alguns mapas além dos poucos incluídos no volume, e um apêndice a respeito da historiografia ocidental relativa ao Japão. Isto, pensamos nós, ajudaria a compreensão do assunto, tanto mais quanto há uma nota bibliográfica para a historiografia propriamente japonesa. Em compensação, fazemos questão de acentuar: dificilmente seria possível compor-se um trabalho dêste gênero cuja leitura nos proporcionasse maior prazer. Assim é que aguardamos com certa ansiedade os volumes subsequentes e sublinhamos o interesse de sua tradução para o português.

PEDRO MOACYR CAMPOS

*

* *

THOMAS (Alfred Barnaby). — **Latin America. A History.** The Macmillan Company. New York, 1956 (1a. edição). 801 páginas.

Obra com quatro grandes divisões e vinte e nove capítulos, sete mapas elucidativos, bibliografia e um índice de nomes.

Trata-se de uma obra de visão panorâmica da história da América Latina desde o descobrimento até o ano de 1956. Na primeira parte intitulada: **Colonial Latin America**, com 11 capítulos, primeiramente há um estudo das culturas indígenas da América no período do descobrimento, uma visão da Europa, um estudo da conquista, colonização e da organização social político-econômica das colônias, uma rápida análise do Império Espanhol e um estudo do Brasil colonial no período de 1580 a 1808.

Na segunda parte intitulada: **The Wars For Independence**, com 3 capítulos há uma rápida visão das guerras de independência nos diversos países americanos, que estão agrupados em três grandes conjuntos, **Northern South America**, **Southern South America and Brazil**, **Spanish North America**.

Na terceira parte intitulada: **Modern Latin America**, dividida em quatro seções, **The Atlantic Republics**, **The Pacific Republics**, **The Caribbean Republics**, e **Central America**, com 14 capítulos, todos os países latino-americanos são estudados no seu desenrolar histórico a partir das independências até o ano de 1956.

Finalmente, na quarta parte intitulada: **Inter-American Affairs**, há um estudo das relações internacionais entre a América Latina e os Estados Unidos e das nações latino-americanas entre si.